

mesma, declara: «Eu estava como uma pessoa que se encontra no meio de um rio a ponto de ser tragada». ²⁰⁰ No *Livro das Moradas* ela retorna a esta idéia do perigo que corre a alma de ser invadida por estas águas impetuosas, comparando-a a um navio muito carregado que fosse arrastado ao fundo do mar. ²¹⁰ «A qualquer lado que ela (Teresa) queira se dirigir, teme um perigo maior». ²¹¹

A água do centro é, ao mesmo tempo, força purificadora e destruidora, fonte de vida fecunda, poder fertilizante, símbolo de morte e de vida.

O centro é, também, um imenso oceano, ²¹² o mar de ondas poderosas ²¹³ que dá e retira a vida. O mar representa «um lugar para onde converge e de onde diverge toda a vida psíquica». ²¹⁴ E é dele que tudo nasce e é para ele que torna toda a vida. Aqui, como nos mitos, o oceano é o sustentáculo de tudo. ²¹⁵

Assim esta água da fonte, transformada em mar tempestuoso, não somente purifica, mas ainda desintegra simplesmente modos de expressão de vida. O dinamismo do centro, emergindo à consciência, abole toda forma de vida. O velho homem, isto é, o homem terrestre e o eu complexo, morre pela imersão na água. Mas esta dissolução do eu não tem sentido, se não for seguida de um novo nascimento, aquele do eu profundo, de um eu divinizado, criando um ser novo regenerado pela imersão na água fertilizante e fecunda do centro. E' por esta imersão na água que o homem inteiro se purifica e recupera sua semelhança com Deus. E' lá que ele encontra a sua inocência primitiva, semelhante àquela que ele possuía antes da queda. Se a água atrai, «dissolve e abole toda forma», ela é rica em «germes», «criadora». ²¹⁶ A imersão na água da alma regenera, restaurando-a numa nova ordem, dando-lhe uma nova forma, e favorecendo uma nova forma de ser. Quando a alma encontra o seu centro, ela está «toda mergulhada nesta incomparável grandeza de Deus», ²¹⁷ neste «imenso oceano onde estão encerrados todos os bens». ²¹⁸ Então o homem se encontra na condição do homem Adão e pode viver a vida de Deus. Ele é como a árvore da vida que se encontra nas margens das águas, mais verde e dá frutos em grande abundância. ²¹⁹ A abundância

de vida nova que o centro dá está, entretanto, em proporção com a capacidade receptiva da alma de cada um. ²²⁰

Encontramos a idéia de fecundação da água a respeito da chuva que cai com grande abundância do céu da alma. ²²¹ E' suficiente que a alma tenha «recebido uma só gota desta água do céu, para que ela pareça já provar desgosto por todas as coisas daqui da terra. ²²² Esta água da chuva faz crescer e amadurecer «de tal maneira que ela (a alma) pode viver dos frutos do seu jardim». ²²³

Esta água celeste se espalha em todas as moradas do castelo, assim como em todas as potências da alma, e chega enfim até o corpo, então «estes gostos e esta suavidade se fazem sentir ao homem exterior todo». ²²⁴

Aqui, de novo, pode-se ver que a vida do centro não é algo de fechado sobre si mesmo, mas por natureza tende a se impor à totalidade do ser e espalhar-se fora dele.

A água do centro não somente purifica, destrói e fertiliza, mas mata a sede das coisas desta vida. «Ela não mata; ela extingue somente o desejo das coisas da terra e satisfaz a alma dos bens celestes». ²²⁵ Ela é mesmo o «verdadeiro remédio», ²²⁶ a panacéia médica.

Pelo seu caráter divino, esta fonte de água viva é também «um vinho que embriaga», ²²⁷ «um vinho todo celeste», ²²⁸ «um divino licor», ²²⁹ «um leite sagrado» que sai de «vossos seios que são melhores do que o vinho». ²³⁰ Esta água é tão nutritiva quanto o leite; ela alimenta, fortifica e aperfeiçoa a alma toda. ²³¹ O leite, o vinho e o licor que embriagam são símbolos da fecundidade do amor divino. Tais bebidas mitigam a alma e lhe conferem uma vida nova rejuvenescida, bem-aventurada e eterna, porque bebendo esta bebida divina e comendo esta comida celeste, o homem torna-se semelhante a Deus. Santa Teresa se serve em várias ocasiões desta expressão: «vossos seios são melhores do que o vinho», ²³² mas ela confessa que o sentido disto lhe escapa. Com efeito, a concepção do Deus andrógino lhe era desconhecida, sendo mesmo uma idéia pouco desenvolvida no cristianismo oci-

²⁰⁰ Camino XIX-8/9.

²¹⁰ Moradas 4,II-6; Vida XX-2 e XI-7.

²¹¹ Vida XXI-1.

²¹² Vida XVII-2.

²¹³ Moradas 4,II-4. Em outro lugar ela escrevia: «a glória e o repouso da alma são tão grandes, que o corpo participa visivelmente de sua alegria e suas delícias» (Vida XVII-8).

²¹⁴ Camino XIX-2.

²¹⁵ Exclamaciones IX.

²¹⁶ Camino XVIII-2; Cantares VI-3.

²¹⁷ Vida XVIII-13.

²¹⁸ Exclamaciones IX.

²¹⁹ Cantares IV-4.

²²⁰ Moradas 7,II-6; Cantares IV-4.

²²¹ Cantares IV-4.

²⁰⁰ Vida XXIII-12.

²¹⁰ Moradas 7,III-14/15.

²¹¹ Vida XXIII-12.

²¹² Vida XXII-17.

²¹³ Moradas 6,V-3.

²¹⁴ Pratt, Jane Abbott. *Consciousness and sacrifice*. Nova Iorque, The Analytical Psychology Club, 1967, 69 p. (p. 41).

²¹⁵ Ibidem.

²¹⁶ Eliade, Mircea. *Images et Symboles*. Op. cit. p. 208.

²¹⁷ Cantares IV-4.

²¹⁸ Vida XXII-17.

²¹⁹ Moradas 7,II-9.